

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

JULIA PONTES DE SOUZA

**O afroturismo no mercado brasileiro.**

**São Paulo**

**2022**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

## **O afroturismo no mercado brasileiro.**

Julia Pontes de Souza

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Especialista em Cultura, Educação e  
Relações Étnico-Raciais.

**Orientadora: Profa. Dra. Alecsandra Matias de Oliveira**

São Paulo

2022

“Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial.” Lélia Gonzalez

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família, sobretudo às minhas avós Lourdes e Cleonice e aos meus avôs Severino e Raimundo, ambos trilharam uma vida dura para que hoje eu pudesse estar aqui. À minha mãe Linda e às minhas tias Elaine e Edilene. Mulheres incríveis, guerreiras, que são meu exemplo e me inspiram e incentivam todos os dias para superar todas as barreiras na minha trajetória; meu propósito de vida é que um dia eu possa retribuir todo amor e carinho. Ao meu pai Enio, que do seu jeito simples e engraçado, não entende até hoje qual é o meu trabalho ou estudo, mas me apoia e incentiva sem hesitar. À Maitê Turetta, minha irmã do peito, parceira nas aventuras e inspiração da minha vida acadêmica, e aos meus amores, Andressa Borges, Breno Bernardo e Sandra Brito, que me incentivam, me fazem rir mesmo de longe e compreendem a minha ausência nesse período. Ao Acauã Barrence, meu companheiro de vida, parceiro e incentivador que com muito apoio, amor, carinho e compreensão, consegue sempre trazer leveza nos momentos difíceis. Nessa jornada acadêmica que ainda é muito nova para mim, eu não posso deixar de agradecer a cada professora e professor que passou por mim inspirando e deixando suas marcas, ajudando a formar aquilo que sou hoje. Levo cada um de vocês comigo, foram vocês que me mostraram que apesar de todas as barreiras sociais, a educação é libertadora. Agradeço ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, que proporcionou aprendizados imensuráveis durante o curso. A minha orientadora, Profa. Dra. Aleksandra Matias de Oliveira, que com muito carinho, cuidado e atenção, me acolheu como orientanda, acreditou na minha pesquisa e me trouxe confiança sempre. Ale, você é incrível demais, não tenho palavras pra te agradecer por tudo que fez por mim. As Profas. Eliete Barbosa, Maria da Glória, Tatiana Oliveira e aos Profs. Dennis de Oliveira, Márcio Farias e Danilo Benedicto, por me mostrarem que a academia deve ser democrática e acessada por todas as pessoas, vocês são a prova que tem muita gente boa, competente e de coração aberto, trabalhando para a construção de uma sociedade melhor. À Máfra Carvalho, que proporcionou todo suporte acadêmico com carinho e gentileza. Obrigada por fazerem isso ser possível! Um agradecimento a todos meus companheiros e companheiras de turma, que foram minha alegria no isolamento social, me acolheram tão bem, me escutaram tagarelar nas manhãs de sábado, mas me ensinaram também a hora de parar de falar e exercitar a escuta ativa. Admiro grandemente cada um de vocês mesmo sem conhecê-los pessoalmente. Aqui deixo um carinho especial para pessoas que me inspiram, me encantam e que vou sentir muita saudade: Andressa Maciel, Beatriz Ribeiro, Chris Pinto, Epaminondas Paulino, Karen Silveira e Tatiana Nascimento.

Agradeço demais à Bia Moremi, Denise dos Santos, Guilherme Soares Dias e Hubber Clemente, que com muita generosidade e carinho compartilharam de seus conhecimentos sobre o afroturismo e me ensinaram coisas que os livros não contam.

Estou aqui, porque antes mim muitas pessoas incríveis pavimentaram esse caminho, e é por elas que sou grata. Obrigada!

# O AFROTURISMO NO MERCADO BRASILEIRO.<sup>1</sup>

Julia Pontes de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** o presente artigo tem como objetivo discutir o conceito e a aplicação do afroturismo, dissertando sobre seus propósitos, roteiros e público-alvo, bem como o seu potencial de mercado, projeções de crescimento, geração de empregos e impactos econômicos. Para tanto, busca-se expor os trabalhos de alguns dos principais afro-empresendedores do segmento nas capitais do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Além da busca do entendimento acerca da atuação dessas empresas, desafios enfrentados, geração de demanda em prol da população negra e as comunidades impactadas, e também sobre o incentivo (ou a falta dele) aplicado pelo setor público e privado para a difusão da prática. Toma-se como estratégia metodológica a pesquisa de campo, em especial a abordagem das experiências de Bia Moremi, proprietária da Brafrika Agência de Viagens e as produções da Plataforma Guia Negro, representada por Guilherme Soares Dias, na frente de investigação do tema serão sobre as práticas que envolvem a atuação das agências que exercem o afroturismo, bem como esses profissionais dedicam-se na geração de mecanismos de formação de público e de divulgação das pautas adjacentes ao afroturismo. O arcabouço teórico está sustentado pelas estudiosas do tema, Natália Araújo de Oliveira e Denise dos Santos de Oliveira, bem como sobre as reflexões de pensadores renomados, tais como, Lélia Gonzalez e Dennis Oliveira que enfrentam as questões ligadas à decolonidade e ao racismo estrutural.

**Palavras-chave:** afroturismo; turismo étnico; afroempreendedorismo.

**Abstract:** This article aims to discuss the concept and application of Afrotourism, discussing its purposes, itineraries and target audience, as well as its market potential, growth projections, job creation and economic impacts. Therefore, it seeks to expose the work of some of the main afro-entrepreneurs in the segment in the capitals of the country, such as São Paulo, Rio de Janeiro and Salvador. In addition to the search for understanding about the performance of these companies, challenges faced, generation of demand in favor of the black population and the impacted communities, and also about the incentive (or lack thereof) applied by the public and private sector for the dissemination of the practice. Field research is taken as a methodological strategy, especially the approach to the experiences of Bia Moremi, owner of Brafrika Agência de Viagens and the productions of the Guia Negro Platform, represented by Guilherme Soares Dias, in the investigation front of the theme will be on the practices that involve the performance of agencies that practice Afrotourism, as well as these professionals are dedicated to generating mechanisms for public formation and dissemination of guidelines adjacent to Afrotourism. The theoretical framework is supported by scholars on the subject, Natália Araújo de Oliveira and Denise dos Santos de Oliveira, as well as on the reflections of renowned thinkers, such as Lélia Gonzalez and Dennis Oliveira, who face issues related to decolonity and structural racism.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em 2022.

**Key words:** afrotourism; ethnic tourism; afro-entrepreneurship.

**Resumen:** este artículo tiene como objetivo discutir el concepto y la aplicación del afroturismo, discutiendo sus propósitos, itinerarios y público objetivo, así como su potencial de mercado, proyecciones de crecimiento, generación de empleo e impactos económicos. Por eso, busca exponer el trabajo de algunos de los principales afroemprendedores del segmento en las capitales del país, como São Paulo, Río de Janeiro y Salvador. Además de la búsqueda de entendimiento sobre el desempeño de estas empresas, desafíos enfrentados, generación de demanda a favor de la población negra y las comunidades impactadas, y también sobre el incentivo (o falta de él) aplicado por el sector público y privado para la difusión de la práctica. Se toma como estrategia metodológica la investigación de campo, especialmente el acercamiento a las experiencias de Bia Moremi, propietaria de Brafrika Agência de Viagens y las producciones de la Plataforma Guia Negro, representada por Guilherme Soares Dias, en el frente de investigación del tema será sobre las prácticas que involucran la actuación de las agencias que practican el Afroturismo, así como estos profesionales se dedican a generar mecanismos de formación pública y difusión de lineamientos colindantes al Afroturismo. El marco teórico se apoya en estudios del tema, Natália Araújo de Oliveira y Denise dos Santos de Oliveira, así como en las reflexiones de pensadores de renombre, como Lélia Gonzalez y Dennis Oliveira, que enfrentan cuestiones relacionadas con la decolonidad y el racismo estructural.

**Palabras clave:** afroturismo; turismo étnico; afro-emprendimiento.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. VIAGENS, TURISMO, LAZER E AFROTURISMO. ....</b>	<b>9</b>
2.1. Turismo e Relações Étnico-Raciais .....	12
2.2. Por que pessoas pretas viajam menos?.....	12
<b>3. AFROTURISMO NA PRÁTICA: PÚBLICO-ALVO, FORNECEDORES E DESTINOS.....</b>	<b>14</b>
3.1. Público-alvo .....	14
3.2. Cadeia de Fornecedores .....	14
3.3. Destinos Nacionais.....	16
3.4. Destinos Internacionais .....	23
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS. ....</b>	<b>26</b>
<b>APÊNDICE – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA EMPREENDEDORES DO AFROTURISMO.....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A participação da população negra na formação da sociedade brasileira é um fato incontestável<sup>3</sup>, mas historicamente, essas pessoas foram apartadas dos processos econômicos, sociais e políticos do nosso país. O racismo estrutural impõe uma narrativa histórica e patrimonial dada como “oficial”, que apresenta a história dessa população sempre numa versão embranquecida e eurocêntrica, perpetuando os apagamentos sobre a contribuição dos povos negros e originários que foram base para a construção do Brasil.

Contudo, após anos de apagamento e marginalidade, vemos na atualidade o surgimento de uma série de movimentos voltados para a valorização da memória, resistência, resgate e de pautas reivindicatórias que estão presentes nas ruas de diversas cidades brasileiras.

O afroturismo nasceu em 2018, idealizado por diversos coletivos, empresas, criadores de conteúdo, pesquisadores e profissionais independentes. Como base conceitual, o afroturismo é uma vertente do turismo cultural – prática que valoriza o patrimônio material e imaterial da população brasileira, junto à interconexão dos conceitos dos subnichos: turismo comunitário e o turismo étnico que respectivamente buscam o resgate e a história de comunidades locais, e trabalha na valorização de comunidades étnicas específicas, podendo ser negra, indígena, japonesa, alemã, entre outras. O nome “afroturismo” é adotado por esses profissionais atuantes no mercado de turismo como forma de especificar o propósito de trabalhar unicamente com história, cultura e comunidades afro-brasileiras.

O afroturismo também tem como fonte de inspiração o *Black Travel Movement*, nascido em 2011, nos EUA, com a proposta de que afro-americanos e latinos sejam pessoas viajantes e não só na cadeia de prestação de serviços. No país são 54 milhões de pessoas negras (metade da população autodeclarada negra no Brasil), ao menos 10 milhões realizam pelo menos uma viagem internacional por ano. Segundo o relatório da MMGY Travel Intelligence, viajantes negros nos EUA gastaram US\$ 109,4 bilhões em viagens de lazer em 2019 (FARMER, 2019-2020).

---

<sup>3</sup> Com o coeficiente populacional negro de mais de 54%, segundo o IBGE de 2010, o Brasil é o país com a maior população negra fora da África e a segunda maior do mundo, ficando atrás somente da Nigéria, que ocupa o primeiro lugar da lista. A diáspora africana forçada trouxe mais de 4,8 milhões de pessoas para o Brasil.



Os estadunidenses são o maior público do afroturismo também em destinos brasileiros. Na Bahia, por exemplo, foram 50 voos exclusivos para o segmento no ano de 2016. Com a proposta de imersão cultural, com os roteiros que contemplam visitas os terreiros de candomblé, participação em ensaios de blocos afro, festas populares, como a Festa da Boa Morte e de Yemanjá, workshops de capoeira, produtos associados à cultura afrobaiana, visitas em comunidades quilombolas, workshops de culinária de terreiro, entre outras atividades.

Em 2019, Gana celebrou o “ano do retorno”, marcando os 400 anos da saída dos navios negreiros da Costa Ocidental Africana que levaram forçadamente as pessoas negras ancestrais para as Américas. O país africano recebeu centenas de viajantes estadunidenses, em busca de reconexão ancestral, recebendo cidadania local e nomes africanos, além de conhecer a cultura de seus ancestrais, tudo isto após realizarem testes de DNA em seu país natal. Em 2020, a empresa South African Airways viajou com influenciadores negros brasileiros até o país africano para promover o Afroturismo.

Não há pesquisas do Ministério do Turismo ou de agências do setor que apontem qual o percentual de pessoas negras viajantes. Mas segundo pesquisa encomendada pela empresa de consultoria em diversidade AFAR Ventures para a startup de pesquisa online, Painel BAP, o primeiro painel de consumidores e pesquisa online afrobrasileiro, realizada em 2021, com 1067 internautas de todo Brasil (autodeclarados pretos ou pardos), apontou que 64% das pessoas entrevistadas pretendiam realizar pelo menos uma viagem de férias nos 12 meses seguintes. Em outra pesquisa realizada em 2018 pelo Instituto Locomotiva, diz que a população negra brasileira soma aproximadamente 1,7 trilhões de reais ao ano em poder de consumo no país. Renato Meirelles, presidente do Instituto, nos diz sobre esses dados:

Os negros no Brasil representam 54% da população e movimentam, em renda própria, R\$ 1,7 trilhão por ano. Apesar disso, 72% dos consumidores negros consideram que as pessoas que aparecem nas propagandas são muito diferentes deles e 82% gostariam de ser mais ouvidos pelas empresas.

Como exemplo de potencial de consumo no mercado nacional, temos como base os números da Diaspora.Black, *Market Place* que oferece hospedagens e experiências diversificadas, oferecidas por empreendedores negros. Além de casas e imóveis particulares, a plataforma também articula espaços como quilombos, terreiros e centros culturais, com o propósito de fortalecer a rede de turismo étnico a partir do olhar afrocentrado. Até o ano de 2021, com apenas cinco anos de atuação, transacionou mais de R \$1,5 milhão em operações, contando com 400 afro-empreendedores na rede e mais de 9 mil pessoas impactadas.

Mesmo com um potencial de investimento expressivo e grande mercado consumidor para ser explorado, quando se trata de afroturismo, é necessário ir além desses dados quantitativos para o entendimento da questão central deste estudo: *qual a realidade do afroturismo no mercado brasileiro?* Para embasar essa problemática, torna-se necessário aprofundar os conhecimentos sobre os destinos das viagens, o público de interesse, os fornecedores, guias turísticos e toda a cadeia envolvida na prática. Optou-se então por desenvolver duas frentes de investigação complementares: a primeira foca sobre a estratégia de atuação das agências que exercem o afroturismo na prática, e o segundo dedica-se aos mecanismos de formação de público e de divulgação das pautas adjacentes ao segmento.



**Figura 1.** Da esquerda para a direita: Guilherme Soares Dias – Guia Negro, Bia Moremi – Brafrika e Heitor Salatiel – Guia Negro (Foto: Divulgação).

Para apresentar esse contexto, foi realizada pesquisa de campo sobre o trabalho da empreendedora Bia Moremi, proprietária da Brafrika Agência de Viagens<sup>4</sup> (**Fig. 1**). Agência que desenvolve roteiros afro-referenciados que têm como principais destinos: Bahia, Maceió, Marrocos, África do Sul, Cancun e entre outros lugares, nos quais o principal objetivo é resgatar as histórias negras apagadas desses destinos, além de conectar o público com sua ancestralidade. O lema da Brafrika é #GentePretaCurtindoAVida, com o princípio estimular que pessoas pretas a viajem mais e que tenham momentos de lazer e diversão. Usando também como *hashtag* nas publicações da agência e de seus clientes, gerando assim

<sup>4</sup> Bia Moremi é CEO e Diretora Criativa da Brafrika Viagens e da Brafrika DNA, ambas as empresas focadas na reconexão da diáspora negra brasileira com uma África urbana e contemporânea e outras diásporas negras pelo mundo através de viagens e experiência in loco.

engajamento do público com o lema nas redes sociais. Assim, o foco deste artigo recai sobre estratégia de atuação no mercado desta agência, bem como o entendimento de suas motivações e concepções sobre o que é afroturismo.

Já no campo de formação de público e disseminação da pauta para outros meios, trataremos como objeto de estudo a produção da plataforma Guia Negro, representada aqui por Guilherme Soares Dias<sup>5</sup>. A plataforma é referência em produção de conteúdos, tais como artigos, materiais audiovisuais (vídeos, *podcasts*, entrevistas, entre outros) e as experiências turísticas no formato de caminhadas nas principais capitais brasileiras.

(...) A proposta é também contar histórias de lugares, pessoas e cultura negra. Inspirar, mapear e guiar por novas escolhas no turismo, por viagens mais diversas e por histórias com a nossa cor, que por muitos anos não foram contadas e existem em todas as partes do mundo, graças à diáspora negra.

Lembrando que nosso processo de reconhecimento passa por visitar lugares em que nos sentimos representados: na música, na comida, no jeito de andar, de falar, na história, na afetividade e nas memórias. Quantos lugares de cultura negra você conhece? Quantos você já priorizou visitar? Quantos negócios de pessoas negras você pautou consumir em detrimento de comércios de pessoas brancas? Vamos adotar o *black money* (pessoas negras consumindo de pessoas negras/se não me vejo, não compro) também na hora de viajar!

Turismo é escolha, é comércio, é consumo, é cultura, é dinheiro que circula, é conhecimento, pode e deve ser diverso também. **Há um propósito de fazer com que os negros viajem mais e entendam que ter possibilidade de lazer é para nós também.** Por mais pretos viajando, por mais afroturismo, por mais valorização da cultura negra e muitas estradas a serem percorridas por todos nós! (MANIFESTO GUIA NEGRO – POR UM TURISMO MAIS DIVERSO, 2018, *grifo nosso*).

Em 2020, o Guia Negro ganha ainda mais visibilidade através da parceria com a agência de conteúdo Catraca Livre, lançando a coluna de artigos no portal e uma série de vídeos chamada *Guia Negro Entrevista*, com a presença de grandes personalidades da cultura afro-brasileira, entre elas, Luedji Luna, Oswaldo Faustino, Leci Brandão, Fabrício Boliveira e muitas outras.

Como fontes de pesquisa, adotou-se também a leitura de produções científicas do segmento, tais como: **Afroempreendedorismo no turismo** (2021), de Natália Araújo de Oliveira e **Cidade em preto e branco** (2021), de Denise dos Santos de Oliveira. As autoras são pesquisadoras de longa data sobre o tema no campo acadêmico. No desenvolvimento

---

<sup>5</sup> Guilherme Soares Dias é jornalista, empreendedor, viajante e consultor em diversidade. Fez uma viagem em 2016 por países dos cinco continentes, retratada no livro **Dias pela Estrada**. É fundador do Guia Negro, escreve para veículos como **Revista Trip**, UOL, além de ser apresentador e roteirista do Guia Negro Entrevista, programa exibido no Youtube do Catraca Livre.

teórico, Lélia Gonzalez é o alicerce para propor o afroturismo como uma nova perspectiva decolonial sobre a história do país, além de compor a perspectiva: *O que é ser um corpo negro no mundo?*<sup>6</sup>.

Nessa direção, o conceito de decolonidade traz para o presente artigo as questões que envolvem raça e classe como principais marcadores para o entendimento dos enfrentamentos da população negra na sociedade brasileira e no mundo, bem como a associação do afroturismo como prática decolonial, de resgate e de empoderamento negro. **Lugar de negro** (2022), de Lélia Gonzalez e de Carlos Hasenbalg, embasa como as ações de afroturismo geram ganhos subsequentes na sociedade, tendo os trabalhadores como protagonistas do movimento no Brasil, já que são eles quem constroem essa narrativa a partir de suas perspectivas e ancestralidades. Em **Racismo estrutural - uma perspectiva histórico-crítica**, Dennis de Oliveira disserta a cerca da compreensão do racismo para além do comportamento individual preconceituoso, aprofundando, então, o conceito estrutural do racismo à totalidade histórico-social presente nas dinâmicas das relações sociais do capitalismo em um país como o nosso.

(...) O racismo aparece, à primeira vista, como um comportamento, uma atitude que se explicaria apenas pelo caráter ou pela conduta da pessoa – tenta se travestir de uma perspectiva estrutural ao essencializar o sujeito praticante em um lugar racializado. O branco é assim mesmo, faz “branquice” e não há o que fazer. Em outras palavras, o que se quer expressar como racismo estrutural não passa de uma concepção estruturalista de racismo. A essencialização da raça como definidora dos comportamentos congela a-historicamente essa condição. (OLIVEIRA, 2021, p. 62).

O artigo ora apresentado divide-se em três partes: a primeira voltada ao entendimento social, cultural e filosófico do ato de viajar. Dissertando então acerca das motivações e conceito sócio-histórico que levam os indivíduos a essa prática, tal o que a faz ser presente na contemporaneidade. O estudo evidenciará o conceito e atuação do afroturismo e como ele está inserido no mercado geral turismo. Na segunda parte, trata-se da práxis do fazer afroturismo no campo, sob a perspectiva experiencial das pessoas participantes da pesquisa: a afroempreendedora Bia Moremi da Brafrika para agenciamento de viagens e Guilherme Soares Dias da plataforma Guia Negro no entendimento de formação de público. Na última parte, especula-se sobre possíveis perspectivas, projeções e tendências para o mercado, além dos desafios narrados pelos afroempreendedores em questão.

---

<sup>6</sup> Vídeo: Guia Negro Entrevista: O que é ser um corpo negro no mundo? Diferentes personalidades respondem à pergunta sempre presente no programa.

## 2. VIAGENS, TURISMO, LAZER E AFROTURISMO.

A sociedade contemporânea tem imenso fascínio por achados arqueológicos relacionado aos deslocamentos de grupos humanos antepassados. Ir de um ponto a outro para as sociedades antigas ia além do anseio do conhecimento do novo. Há diversas hipóteses sobre quais seriam as motivações para esses deslocamentos, mas, em grande parte, muitos estudiosos indicam à assistência das necessidades básicas para a subsistência, tais como, a busca por terras mais férteis, a fuga das intempéries naturais, ou ainda, o encontro de lugares mais propícios à caça e à coleta. De fato, ao resgatar esse passado, compreendemos melhor sobre o princípio do ato de *viajar*. Daí surge a “necessidade” humana de conhecer novos cenários, explorar novas culturas e ter prazer. Porém, historicamente nem todos os processos de deslocamento possuem cunho de deleite, romântico, ou com bom desígnio.

Como expoente, a expansão marítima europeia ocorrida no século XV é a prova que o deslocamento dos grupos humanos pode ter objetivos políticos e econômicos, visto que, como fato histórico, deu início à colonização e à exploração do continente africano, americano, asiático e outras partes do que se convencionou chamar de “Novo Mundo”. Nesse mesmo período, inicia-se a diáspora africana, nome dado à imigração forçada de pessoas para fins escravagistas e que perdurou do período colonial ao final do século XIX. No tocante a esse processo, os que sobreviviam aos navios negreiros, aportando nas novas terras, eram privados, acima de tudo, da própria humanidade.

Por conseguinte, compreende-se que o ato de viajar é uma expressão cultural presente, seja por necessidade, prazer e até mesmo de modo forçado. Referindo-se então à questão dos refugiados que, devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados, são obrigados a buscar refúgio fora de suas origens, ressaltando que tais deslocamentos não se enquadram nos fins de entretenimento, mas sim para a busca de sobrevivência.

Na contemporaneidade, o ato de viajar e buscar o lazer em outras localidades movimenta um dos mais importantes setores da economia: o turismo. Na tarefa de compreensão do objeto de estudo desta pesquisa, o afroturismo, torna-se então necessário esmiuçar os conceitos de algumas segmentações de mercado que estão presentes no setor.

O primeiro deles é o turismo comunitário que tem como objetivo resgatar e valorizar a história de comunidades locais. A modalidade surge a partir da demanda da fuga do turismo de massa<sup>7</sup>, prática muitas vezes nociva aos locais de destino, com roteiros “empacotados”, com pouca ou nenhuma conexão com comunidades locais e a ausência da troca de conhecimento e absorção de cultura do roteiro visitado.

Em 2003, o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva lançou em seu primeiro ano de mandato o Ministério do Turismo, sob o comando de Walfrido dos Mares Guia, criando o primeiro Plano Nacional de Turismo. Nele é dado destaque ao turismo cultural, aquele em que o propósito da viagem está em conhecer a cultura de uma região ou um determinado país. A partir daí cunhou-se o termo turismo étnico, sendo esse uma especificidade dentro do turismo cultural, para a prática de visitar uma comunidade específica, podendo ser uma comunidade negra, indígena, japonesa, alemã, entre outras.

A nomenclatura de afroturismo, turismo afro referenciado ou turismo afrocentrado, foi adotada por profissionais atuantes do mercado de turismo, com o intuito de especificar a abordagem da história e cultura de comunidades afro-brasileiras. Isso porque o uso do termo “étnico” é considerado ultrapassado e até racista por alguns linguistas, uma vez que o conceito de etnicidade não é comumente atribuído para classificar pessoas brancas, que são consideradas socialmente como o padrão universal ou de normalidade.

De “Turismo Étnico com recorte Afro”, o termo Afroturismo passou a ser utilizado oficialmente a partir de 2018<sup>8</sup>, englobando não só as práticas de lazer e turismo afrocentradas, mas também para destacar protagonismo dos profissionais negros no mercado de turismo, seja nas agências de viagens, rede hoteleira, guias turísticos, profissionais de transporte, restaurantes e toda a cadeia de fornecedores e empresários impactados com essa prática, além de abordar a emergência das comunidades quilombolas e das periféricas majoritariamente negras em desenvolverem roteiros e experiências nessas localidades. O Afroturismo é interseccional, podendo ser realizado em ambientes urbanos, rurais e litorâneos, com diferentes olhares sobre a História da África e da Cultura Afrodiaspórica Brasileira e a oferta de experiências em Países do Continente Africano, podendo ter caráter pedagógico, artístico, cultural, científico, rural, em comunidades, gastronômico, entre outros.

---

<sup>7</sup> O turismo de massa é a prática mais convencional, passiva e sazonal tendo a sua criação vinculada à consolidação do capitalismo que propicia o surgimento do seu público-alvo, a classe média.

<sup>8</sup> Não há registros oficiais de quando e quem a denominação afroturismo foi criada. O ano 2018 representa a emergência do Afroturismo, mas esta modalidade turística não nasceu neste ano. Em 2006, por exemplo, era lançado na cidade de Sorocaba o Programa Cultural e Turístico Rota da Liberdade.

Como referência para a estruturação do formato de atuação no afroturismo, tem-se em 2011, nos EUA, o Black Travel Movement, contando com a colaboração de alguns portais de viagens que auxiliam os afro-americanos que querem ter contato com a cultura negra de outros locais. Uma das primeiras publicações nesse sentido foi a Travel Noire, plataforma que reúne posts de colaboradores de diferentes países e pretende fornecer ferramentas e recursos para o viajante não convencional; e o Nomadness Travel Tribe idealizado por Evita Robinson, a partir do formato de comunidade por meio de um grupo no Facebook apenas para pessoas convidadas e permite o compartilhamento de oportunidades de viagem e organização de pacotes para destinos em comum. O grupo começou as suas atividades com apenas 100 membros e, hoje, tem quase 30.000 membros. Sua proposta envolve atender, principalmente, afro-americanos devido à falta de presença de pessoas negras consumidoras no mercado de turismo e hospitalidade e não só na prestação de serviços de atendimento.

Entre 1936 e 1967 circulava pelos Estados Unidos um guia para viajantes negros chamado The Negro Motorist Green Book (O livro verde do motorista negro), o livro trazia as poucas opções de hotéis, restaurantes e bares que eram permitidos frequentar por afroamericanos na época em que estavam em vigor as “leis Jim Crow”, que impuseram a segregação racial no sul dos EUA. Para a criação do guia, Victor Hugo Green, carteiro em Nova York, reunia informações de todo o país com os colegas de trabalho, a finalidade do livro era tentar dar o mínimo de segurança, para que viajantes negros não se encontrassem em situações de dificuldade por conta de atos racistas e hostilidades abertas contra pessoas negras que viajavam. O guia era publicado anualmente, e sua última edição foi somente três anos depois da aprovação dos Direitos Civis (1965). Em 1948, Green incluiu algumas declarações otimistas no guia, em que diziam: "Haverá um dia, no futuro próximo, em que este guia não terá mais que ser publicado. Em que nós, como raça, teremos igualdade de oportunidades e privilégios nos EUA." (BBC, 2019)

Como expoentes do movimento no Brasil temos a já citada, Diáspora Black, como plataforma virtual que articula em rede: viajantes e anfitriões, conectando-os a serviços relacionados à cultura negra em diversas cidades do mundo; a plataforma Guia Negro, com a criação de conteúdos e muito conhecida pelas caminhadas negras em diversas cidades nacionais; na modalidade de agenciamento, a Brafrika Viagens, Bitonga Travel e a Sou+Carioca, ambas com atuações em roteiros exclusivos de turismo afro referenciado; Solange Barbosa que lidera o projeto cultural e turístico Rota da Liberdade que mapeia a diáspora africana no estado de São Paulo; e também o trabalho de influenciadores do tema, tais como, Hubber Clemente e Tânia Neres.

## 2.1. Turismo e Relações Étnico-Raciais

Segundo o TurisData – UNIRIO, levantamento bibliográfico e documental sobre Turismo e Relações Étnico-raciais, até o ano de 2021 foram encontrados 23 artigos publicados em periódicos acadêmicos, 6 dissertações e teses, 5 livros ou capítulos de livros, e 69 matérias de jornais e / ou revistas e blogs sobre o tema. Neste material, são considerados debates acerca dos já citados turismo étnico, turismo afrocentrado ou afroturismo, também turismo diaspórico<sup>9</sup> e turismo de raízes<sup>10</sup>, além de diálogos entre turismo, raça e questões de gênero, como exemplo, turismo sexual e racismo no mercado de trabalho do turismo.

## 2.2. Por que pessoas pretas viajam menos?

O número de brasileiros que viaja ao exterior chegou a 8,5 milhões, gastando uma somatória US \$14,497 bilhões, segundo dados do Ministério do Turismo de 2016. O que nenhum órgão ligado ao turismo ou nenhuma das principais agências de viagens e intercâmbio do país conseguem precisar é qual a porcentagem de pessoas negras dentro desse universo. Para isso não há dados exatos ou sequer estimados. Mas isso, quem viaja, já sabe. Mesmo em voos domésticos ou nos destinos mais visitados por brasileiros no exterior é difícil encontrar pessoas negras.

A ideação da plataforma Diáspora.Black (**Fig. 2**) ocorreu após alguns dos criadores, que faziam parte de sites de acomodação compartilhada, passarem por experiências racistas, como hóspedes que abandonavam a casa ao descobrir que o anfitrião era negro, ou menores números de buscas comparado com apartamentos de amigos brancos. “Eu acabava recebendo muitos afro-americanos ou pessoas interessadas na cultura negra. Essas experiências demonstraram a necessidade de um serviço que valorizasse e respeitasse a população negra”, acredita Carlos Humberto Filho, que disponibilizava seu apartamento no Rio.

---

<sup>9</sup> Coles e Timothy (2004 apud PINHO, 2018) definiram o conceito de turismo diaspórico como “um tipo de turismo prioritariamente produzido, consumido e vivenciado por comunidades diaspóricas”, sendo assim, a prática tem o objetivo de levantar a discussão do resgate da identidade do turista, tanto de parentesco quanto na cultura, de algo que foi interrompido pela perda das suas raízes.

<sup>10</sup> Segundo Patrícia Pinho (2018), o turismo de raízes pode ser entendido como um subtipo de turismo diaspórico, ele acontece quando o indivíduo busca a reconstrução de sua identidade que foi interrompida, nesse sentido, ele viaja em busca de sua memória perdida em lugares em que possa se sentir representado.





**Figura 2.** Da esquerda para a direita, a equipe da plataforma Diaspora.Black: Antonio Luz, Gabriel Oliveira, Carlos Humberto da Silva Filho e Gabriel Oliveira (Foto: Divulgação).

Segundo pesquisa da Universidade de Harvard, pessoas negras têm 16% menos chances de serem aceitas ou receberem hóspedes. “Outras pesquisas indicam que os algoritmos das plataformas convencionais restringem a visibilidade de anunciantes negros mesmo em bairros e cidades de maioria negra, o que favorece a concentração de renda e a exclusão econômica em plataformas colaborativas”, afirma a desenvolvedora da plataforma Maria Rita Casagrande.

Para viajantes negros, o racismo se manifesta de formas diferentes em cada local. A maior parte deles começa “sutil”, passando por olhares atravessados ao entrar em lojas, revistas mais elaboradas em aeroportos chegando até as ofensas raciais. Constantemente nos deparamos com diversas notícias relatando casos de racismo contra turistas negros, como exemplo, os ataques racistas sofridos pelos filhos de Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank em um restaurante na região litorânea de Portugal. A agressora foi presa e o caso teve grande repercussão nas mídias nacionais, na ocasião o casal que é branco, levantou a questão: “Teria essa atenção toda se fôssemos pais pretos de crianças pretas?”. Recentemente, ganhou os tabloides o processo da advogada carioca Isabel Macedo de Jesus, contra a cantora Luísa Sonza, sobre o caso de racismo sofrido por Isabel, em 2018, em uma pousada em Fernando de Noronha. Segundo a denunciante, a cantora teria a confundido com uma empregada do estabelecimento, tratando-a com hostilidade e dando ordens. Na contramão do apoio recebido por Bruno Gagliasso e Giovanna Ewbank, a advogada que é a vítima do caso está sendo apontada como oportunista e mentirosa.

### **3. AFROTURISMO NA PRÁTICA: PÚBLICO-ALVO, FORNECEDORES E DESTINOS.**

#### **3.1. Público-alvo**

O perfil de público viajante da Brafrika Viagens é composto por 79% de mulheres pretas, faixa dos 40 anos, que atuam no setor público, como professoras, pesquisadoras e/ou acadêmicas, que acessam os roteiros da agência por meio de indicações de outras mulheres que já viajaram. Os demais 21%, são uma mistura entre mulheres e homens brancos que conhecem a agência através de outras plataformas de afroturismo, e em grande parte são pessoas que já estão engajadas com o tema antirracista. Homens negros ainda não possuem representatividade no público atual da agência. Segundo a CEO da Brafrika, Bia Morami, o maior desafio para crescimento e abrangência de público, seria “romper as bolhas” desse público que hoje já é qualificado e possui engajamento com as pautas raciais, e expandir para públicos que buscam viagens a lazer que não estejam necessariamente atreladas a pauta. Como exemplo disso para o ano de 2023, será o roteiro para o Festival Jump Off em Cancún.

Na formação de público, o principal expoente é a plataforma Guia Negro, que além de ser um canal de criação de conteúdos digitais de abrangência, são eles que fazem hoje as Caminhadas Negras nas principais capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, João Pessoa, São Luís, Porto Alegre, Recife além de Olinda, Boipeba, Itapuã, entre outros roteiros. As caminhadas são direcionadas ao público geral, acessado por meio das redes sociais e conteúdos digitais criados pela empresa, e também por meio de grupos fechados por empresas e instituições públicas. É por meio dessas caminhadas, que o afroturismo tem ganhado espaço em novos públicos, principalmente entre as pessoas não negras, o que de forma cadenciada impacta as demais empresas do segmento, abrindo “as portas” para os mais diversos públicos conhecerem essa prática do turismo.

#### **3.2. Cadeia de Fornecedores**

Mesmo com mais de 54% de pessoas negras na população brasileira, segundo o IBGE, essa maioria numérica, não se consuma no mercado de trabalho. Dados do Instituto Ethos sobre as 500 empresas de maior faturamento do Brasil mostram que 58% dos aprendizes e trainees são negros. Nos cargos de decisões o cenário muda. Apenas 6,3% de profissionais

negros ocupam cargos de gerência e 4,7% cargos executivos. O estudo cristalizou o abismo que separa o mercado de trabalho e os profissionais negros.

O racismo no mercado de trabalho aborda as relações étnico-raciais e o debate acerca da participação de pessoas negras no mercado de trabalho em turismo. Discute-se que o setor que representa 8,1% do PIB brasileiro, emprega 2,9 milhões de pessoas e é apontado como estratégico devido ao potencial de rápida geração de emprego e de renda, não possui estudos que dimensionem a participação da diversidade racial em sua composição.

Um dos objetivos do afroturismo é criar impacto econômico e financeiro na gama de serviços e produtos oferecidos por pessoas negras, ou seja, a intenção dos agentes nesses roteiros é a contratação de profissionais negros em toda a cadeia de fornecedores. Porém, segundo relato da empreendedora Bia Morami da Brafrika Viagens, um dos maiores desafios para as agências de afroturismo é encontrar fornecedores negros que tenham empreendimentos robustos, que possam atender grupos com maior número de pessoas.

Por uma questão econômica e social, as maiores estruturas físicas no campo da hospitalidade e gastronomia, além de frotas de transporte, estão na mão de pessoas brancas. O que limita o crescimento desse trabalho e além de criar a necessidade de qualificação e educação antirracista de fornecedores não racializados. A empreendedora Bia Morami cita também que essa operação de qualificação ainda é muito rudimentar, feita no “boca a boca”, a base de indicações e bater na porta de pequenos hotéis e pousadas que estão abertos a se desenvolver em relação ao tema e que as grandes redes hoteleiras a procuram pontualmente, mas que nenhuma avançou de forma relevante para que houvesse realmente uma parceria consolidada, e que para isso acontecer é necessário que essas empresas que sejam lideradas e pensadas por e para pessoas pretas.

Diante a omissão do setor sobre o tema, o hoteleiro Hubber Clemente realizou uma pesquisa em sua página na rede social corporativa LinkedIn com um recorte direcionado ao setor hoteleiro: “*Você conhece negros proprietários de hotel no Brasil?*”. Ele conta que a pergunta resultou de uma inquietação que se avolumou ao longo da sua carreira profissional. “Em mais de duas décadas na hotelaria, eu sempre senti uma solidão racial muito grande. Raramente eu via um gerente geral, um diretor ou alguém no alto escalão que fosse negro”, comenta o profissional. Das 143 respostas, apenas 4% afirmaram conhecer proprietário de hotel negro no Brasil. Clemente aponta que o impacto sobre a falta de diversidade no turismo e na hotelaria é a desconexão com a realidade do país.

### 3.3. Destinos Nacionais

As experiências de afroturismo apresentam roteiros afrocentrados, que podem ser realizados em ambientes urbanos e rurais sobre a cultura afro-brasileira, podendo ter caráter pedagógico, cultural, gastronômico, artístico, científico, rural e em comunidades quilombolas e periféricas. O Brasil é um país de dimensão continental, no qual possui várias culturas e histórias espalhadas de norte a sul do país, nos quais são passíveis de serem explorados no turismo – especialmente quando se trata de vivenciar a cultura negra de cada lugar. Existem destinos nos quais a prática do afroturismo já está consolidada, como por exemplo: Alagoas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, entre outras.

#### Alagoas – Serra da Barriga



**Figura 3.** Monumento Quilombo dos Palmares, Alagoas (Foto: Waldson Costa/G1).

O Parque Memorial Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, em Alagoas, é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (**Fig. 3**). É o primeiro equipamento do gênero no país, reconstituindo o cenário de uma das mais importantes histórias de resistência à escravidão ocorrida no mundo: a história do Quilombo dos Palmares – o maior, mais duradouro e mais organizado refúgio de pessoas negras escravizadas das Américas. O local é aberto para visitas, e é possível conhecer as construções da época e escutar, saber como era o dia a dia no quilombo, além de visitar um restaurante com pratos de origem afro-brasileira.

## Bahia – Salvador

Salvador tem 82% da sua população de pretos e pardos (PNAD, 2017). Não por acaso, a capital baiana respira essa negritude, representada na sua população, tradições e em diferentes pontos da cidade que carregam a ancestralidade negra. O mais conhecido é o Pelourinho, bairro que é Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. Lá estão presentes a Igreja Nossa Senhora Rosário dos Pretos e o Museu Afro-Brasileiro (**Fig. 4**), além dos blocos de tambores como Olodum e Afoxé, que saem pelas ruas do bairro tocando. Há também muita força no turismo religioso. Segundo a UFBA, em Salvador existem 1.165 terreiros cadastrados, o que mostra a forte presença das religiões de matriz africana na cidade.



**Figura 4.** Museu Afro-Brasileiro, localizado em Salvador. (Foto: Divulgação).

Em 2022, a prefeitura da capital baiana lançou o plano de afroturismo “Salvador Capital Afro” – que pretende posicionar a cidade como referência nacional e internacional, por meio da valorização das manifestações culturais, da força das tradições, tecnologias ancestrais e incentivo ao black money, movimento que favorece negócios entre pessoas negras. O programa terá um total de investimento de R \$16 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), ao todo o edital junto ao BID soma R \$1 bilhão para investimento no turismo soteropolitano. O AfroBizz, uma das iniciativas do plano, promoveu eventos e contatou afroempreendedores, porém até a data desta publicação, o projeto não incluiu em seu desenvolvimento e execução, atores locais negros que atuam no afroturismo, como Guia Negro, Afrotours, Diaspora.Black, Afrotrip e Experiência Griô.

## Maranhão – São Luís

São Luís é a segunda capital do Brasil com maior população negra. A cidade abriga o Museu Cafuá das Mercês, também conhecido como Museu do Negro, localizado no centro histórico. O espaço era um antigo mercado de escravizados e seu acervo conta com instrumentos musicais, vestimentas e outros itens referentes à história da época.



**Figura 5.** Casa Fanti-Ashanti, localizada no bairro do Cruzeiro do Anil. (Foto: Marcio Vasconcelos).

Há também a procura pelas manifestações do Tambor de Mina, religião afro-brasileira bastante praticada nas regiões norte e nordeste do país (**Fig. 5**). Dando destaque aos dois terreiros mais antigos dessa denominação religiosa, localizados no centro histórico de São Luís: Casa das Minas – Jeje e Casa de Nagô, ambos fundados por africanos em meados do século passado.

## Minas Gerais – Ouro Preto

Ouro Preto é considerada uma das principais rotas para quem deseja explorar a cultura negra no país. No auge do ciclo do ouro, a cidade abrigou inúmeros escravizados, que foram os responsáveis pela construção dos casarões antigos e das igrejas que tornaram a cidade um patrimônio cultural da humanidade. O passeio pela Mina Du Veloso, uma tradicional mina de ouro do século 18, mostra ao longo de todo o trajeto marcas dos trabalhos feitos pelos mineradores escravizados na época.



**Figura 6.** Museu Casa dos Contos, localizado em Ouro Preto. (Foto: Divulgação).

O Museu Casa dos Contos, construído no século 18, preserva uma construção feita em estilo barroco mineiro (**Fig. 6**). No porão da casa, local em que funcionava uma antiga senzala, são expostas diversas peças que retratam a era da escravidão. Há também a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

### Pernambuco – Recife



**Figura 7.** Monumento da Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço. (Foto: Divulgação).

Recife também é um destino importante para explorar o turismo étnico. No Pátio do Carmo há o monumento de Zumbi dos Palmares, que celebra a memória do principal líder do

Quilombo dos Palmares. Assim como São Paulo e Ouro Preto, a cidade também conta com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. O local foi palco das coroações das rainhas de maracatus no século 17. Já o Pátio do Terço, localizado em frente à igreja, é responsável por um dos momentos mais famosos do carnaval pernambucano: a Noite dos Tambores Silenciosos (**Fig. 7**), cerimônia para reverenciar ancestrais africanos que sofreram com a escravidão durante o Brasil Colônia.

### **Rio de Janeiro – Capital**

No Rio de Janeiro, é realizado também o tour da Pequena África. Feito a pé, passa pelo Morro da Conceição, Largo de São Francisco da Prainha, Pedra do Sal, jardim Suspenso do Valongo e Cais do Valongo – antigo cais em que era realizado o desembarque de escravizados recém-chegados ao Brasil. O lugar é um sítio arqueológico, além de ser considerado um dos locais mais importantes da América do Sul relacionados à chegada de africanos escravizados. A Pequena África é composta pelos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, desde a Praça Mauá até a Cidade Nova, na região portuária do Rio. A expressão foi criada pelo artista e sambista Heitor dos Prazeres no início do século 20. O nome se referia a uma região onde havia grande presença de escravos alforriados e comunidades quilombolas. É possível encontrar vários tours afrocentrados no Rio de Janeiro, um deles é oferecido gratuitamente pelo Instituto dos Pretos Novos (IPN).



**Figura 8.** Estátua Mercedes Baptista, no Largo da Prainha (Foto: Julia Souza).

O chamado Circuito Histórico de Herança Africana tem início no Largo da Prainha (**Fig. 8**), onde havia uma pequena praia antes da região ser aterrada. Lá se encontra uma



estátua de Mercedes Baptista, primeira dançarina negra a integrar o corpo de baile do Theatro Municipal e uma precursora da dança afro-brasileira. A poucos metros dali, há a Pedra do Sal, nome recebido por ser onde os escravizados descarregavam o sal, usado como moeda de troca na época. No entanto, a região também é conhecida por ter sido o local em que os escravizados eram vendidos. Atualmente, a Pedra do Sal é famosa por sediar a roda de samba mais famosa da cidade. Ainda nas proximidades, há o Memorial dos Pretos Novos, popularmente conhecido como Cemitérios dos Pretos Novos. Entre 1769 e 1830 o local funcionou como um cemitério de escravizados, sendo considerado o maior cemitério deste gênero nas Américas. Atualmente o local funciona como um centro cultural e tem como objetivo resgatar a história da cultura africana na cidade.

### **Rio Grande do Sul – Porto Alegre**

Apesar do sul do país ser mais conhecido pelas migrações europeias, também há a presença da cultura negra. O Rio Grande do Sul é um dos mais importantes estados na atuação política do Movimento Negro, no Centro de Porto Alegre, é possível conhecer uma parte importante dessa história passeando pelo Museu do Percurso Negro, que resgata marcos do espaço urbano onde a população negra se estabeleceu na cidade, evitando seu apagamento. Um ponto emblemático é o Mercado Público, no centro da cidade, onde está a obra “Bará do Mercado”, que representa a entidade Bará (Exu) das religiões de matrizes africanas (**Fig. 9**). A memória oral indica que alguns adeptos da religião teriam consagrado a área à entidade após a morte de alguns homens escravizados que trabalhavam na construção do mercado, há mais de 150 anos.

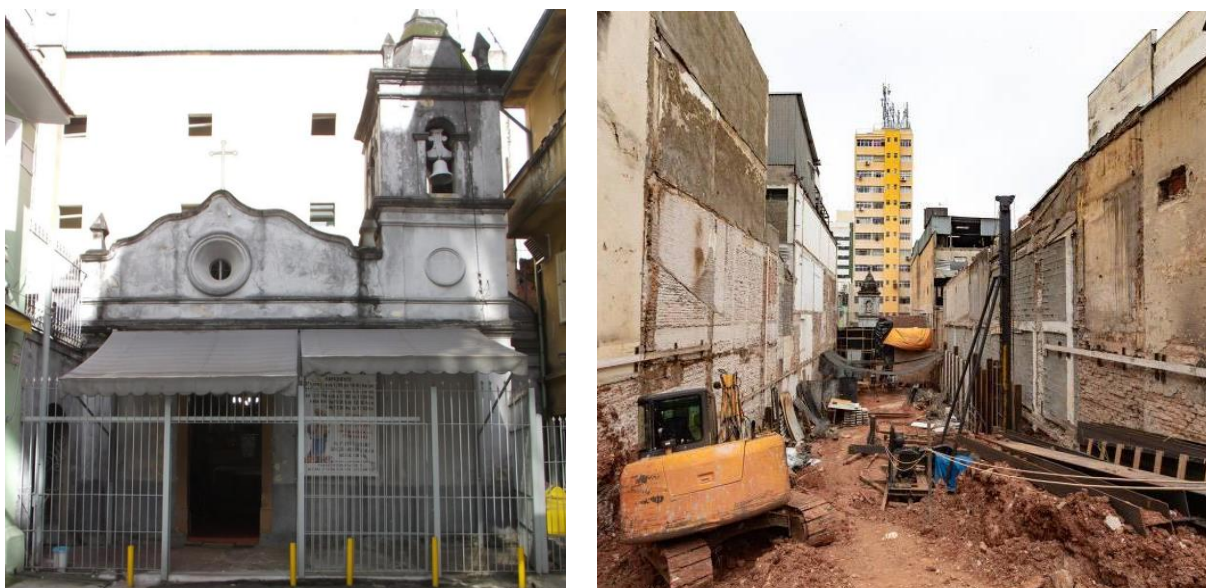


**Figura 9.** Painel afro-brasileiro Pelópidas Thebano e Vinicius Vieira (Foto: Divulgação)

## São Paulo - Capital

São Paulo é a cidade com maior número de negros no Brasil: são mais de 4 milhões de pessoas. O tour “Caminhada São Paulo Negra”, criada pela Plataforma Guia Negro, surge para resgatar as histórias negras que estão por toda a capital. No percurso de quase 4 km, é possível visitar locais importantes como a Igreja Nossa Senhora Rosário dos Pretos, a estátua da Mãe Preta, a Igreja Nossa Senhora dos Enforcados, o antigo Pelourinho e o antigo Morro da Forca, no bairro da Liberdade, onde também ficam a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e a Capela dos Aflitos, anexado a ela há o cemitério dos Aflitos, onde eram sepultados os corpos dos negros e indígenas condenados à forca, em 2018 foram encontradas ossadas e dando origem a um sítio arqueológico, o terreno está em processo de desapropriação e especula-se sobre a possível criação do Memorial dos Aflitos (**Fig. 10**).

"Liberdade é um bairro onde todo mundo conhece como oriental e a gente conta que esse foi o primeiro bairro negro da cidade. A caminhada termina na estátua da Mãe Preta, o único monumento de uma mulher negra na cidade de São Paulo. Vamos contando história do presente, do passado e falando do futuro. Todos saem transformados. É uma chave que não tem volta!", explica o jornalista Guilherme Soares Dias, idealizador da ideia.



**Figura 10.** À esquerda a Capela dos Aflitos (Foto: Divulgação/Guia Negro), e a direita o terreno onde arqueólogos descobriram ossadas daquele que está sendo considerado o primeiro cemitério da capital paulista. (Créditos: Rubens Cavallari/Folhapress).

É possível também visitar o Museu Afro, localizado no parque Ibirapuera, que traz a perspectiva africana na formação da cultura brasileira. O acervo do museu é composto por mais de seis mil obras, entre gravuras, pinturas, documentos e objetos etnográficos. No centro

histórico da capital, vale a visita na Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, construída em 1728 pela Irmandade dos Homens Pardos da Nossa Senhora da Boa Morte. Foi nesta igreja que, pela primeira vez, pessoas negras e brancas se sentaram lado a lado em uma igreja em São Paulo. Outros bairros paulistas apresentam movimentações para o afroturismo como: Grajaú, República e Bixiga, que em junho de 2022 descobriu-se outro sítio arqueológico que abriga objetos do quilombo da Saracura, encontrados embaixo da antiga quadra da escola de samba Vai-Vai. O terreno hoje faz parte do campo de obras de uma estação do metrô e não se tem informações sobre possível desapropriação para preservação desta memória.

### 3.4. Destinos Internacionais

O continente africano é o destino mais cobiçado para a busca de reconexão ancestral e raízes africanas, segundo os viajantes negros. Principalmente após o movimento dos testes de DNA que propiciou a descoberta de quais são os países africanos de origem de seus antepassados que foram trazidos para as Américas na diáspora.

O mercado de afroturismo já tem trabalhado em alguns roteiros de África, mas também expandem para outras localidades do mundo que possuem destinos afrocentrados, como: Portugal, França, Marrocos, México, EUA e África do Sul.

#### África do Sul

A África do Sul é um dos principais destinos do continente africano, oferece uma das melhores infraestruturas turísticas de toda região. Foi palco do regime segregacionista do apartheid, um dos capítulos mais tristes e importantes da história na luta social e, depois, na conquista democrática para a população negra no mundo. É um país multicultural, oferece opções de arte, música, dança, literatura, gastronomia e natureza. As principais cidades são Joanesburgo, Cape Town e Porto Elizabeth.

A atração mais procurada é a Casa de Nelson Mandela, fica em Soweto, bairro da capital Joanesburgo, criado para concentrar a maior população de negros do país (**Fig. 11**). A história dessa liderança negra, conhecida por ter lutado pelo fim do apartheid, está fortemente marcada nessa casa.



**Figura 11.** A Casa de Nelson Mandela é um dos pontos mais visitados da África do Sul.  
(Foto: Divulgação / IH Johannesburg).

## EUA

A identidade da cultura estadunidense foi muito influenciada pela cultura afro e muito marcada pela exploração da mão de obra no período escravista. Ao longo dos séculos, se mantém vivas as tradições culturais africanas. No entanto, alguns destinos se destacam e apresentam de forma significativa características importantes das populações negras de descendência africana. Os bairros do Brooklyn e Harlem, em Nova York, são considerados núcleos da cultura afro-americana dos EUA (**Fig. 12**).



**Figura 12.** Vista do Bairro do Brooklyn e da Ponte Williamsburg – Ligação com a ilha de Manhattan.

Os lugares oferecem música, arte e gastronomia de diferentes épocas até os atuais movimentos urbanos. O Apollo Theater é destaque, clube e teatro no Harlem conhecido por ter consagrado grandes nomes da música no Jazz e Soul, tal como o icônico James Brown.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regresso à memória negra envolve olhar a cidade e observar que seus monumentos e pontos turísticos são construídos historicamente e, neles estão as evidências da cultura da população negra. Com este estudo, conclui-se, então, que o afroturismo é interseccional, seus roteiros não abarcam apenas histórias de comunidades negras tradicionais, mas também todo um legado vivo e contínuo das manifestações da cultura negra até a atualidade. O afroturismo é sobre a ancestralidade, sobre o presente e, principalmente, sobre o futuro. Futuro esse sendo traçado, nesse exato momento, em diversos cantos do país, pelas mãos de empreendedores e profissionais negros atuantes que, apesar das barreiras impostas pela falta de políticas públicas de incentivo, seguem galgando a crescente conquista de espaço e se tornando cada vez mais proeminentes no mercado de turismo.

Devido à ausência de investigações específicas e dados concretos sobre o segmento, ainda não se pode prever com exatidão quaisquer projeções e/ou impactos financeiros para a população negra. Mas, são irrefutáveis os ganhos que a difusão do afroturismo pode gerar na sociedade, tendo em vista uma gama de postos de trabalho e fomento ao crescimento de empresas de pessoas negras.

Para que isso ocorra, além de haver a necessidade de incentivos maiores do setor público, é necessário também que o setor privado, por sua vez, particularmente os grandes grupos de empresas do segmento que hoje estão na liderança do mercado, invistam verdadeiramente nas pautas antirracistas. Esse processo deve ser iniciado a partir de ampla contratação de profissionais negros para cargos de decisão e também a oferta de capacitações de letramento racial para que os funcionários entendam a complexidade do racismo no Brasil e terem munição para combatê-lo no dia a dia. Além de estabelecer parcerias concretas com as empresas de pessoas negras que oferecem roteiros de afroturismo. Desse modo, torna-se possível “romper as bolhas” e expandir para além do público atual que já é engajado com as pautas raciais. A meta é atingir também o público geral que busca viagens a lazer que não estejam necessariamente atreladas à pauta – isso pode valorizar esse tipo de trabalho.

Assim sendo, tem-se a perspectiva de que não será mais possível deixar o afroturismo de fora, bem como não dá mais para ignorar viajantes negros na comunicação visual do turismo, nem na contratação de pessoas negras nas equipes. E, principalmente, não se pode retirar o protagonismo efetivo dos profissionais negros do afroturismo que constroem essa narrativa a partir de suas perspectivas e ancestralidades.

## REFERÊNCIAS

COSTA Rodrigues Lima. **Lélia Gonzalez**: Entendendo o Brasil a partir das relações de classe, raça e gênero. *Revista Caboré, [S. l.]*, v. 1, n. 4, p. 04–16, 2021.

COSTA, Ricardo Dias da. **Relações étnico-raciais e questões do mercado de trabalho em turismo**. *Marketing & Tourism Review, [S. l.]*, v. 2, n. 1, 2017. DOI: 0.29149/mtr. v2i1.4300. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mtr/article/view/4300>. Acesso em: 02 out. 2022.

DIAS, Guilherme Soares. **Dias pela Estrada**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2018.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. **Afroempreendedorismo no turismo**, desigualdade racial e fortalecimento da identidade negra. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 2020.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Cidade em preto e branco**: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. São Paulo, 2021.

### Referências eletrônicas

COMO É SER UM CORPO NEGRO PELO MUNDO – Afirmativa entrevista o Guia Negro Guilherme Dias. Disponível em: <<https://revistaafirmativa.com.br/3521-2/>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

AFROTURISMO OU TURISMO ÉTNICO: o que é, onde ocorre e como praticá-lo? **BARBOSA, Solange**. Afroturismo, uma tendência mundial. **2021. Disponível em:** <https://hub.wtm.com/pt/artigos/turismo-social-e-comunitario/afroturismo-uma-tendencia-mundial/>. Acesso em 21 set. 2022.

BLACK TRAVEL MOVEMENT. Disponível em: <<https://www.travelandleisure.com/travel-tips/travel-trends/black-travel-movement>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

**Carpe Mundi**. Saiba para quais países os brasileiros mais viajam – e quanto gastam por lá. 2021. Disponível em: <https://www.carpemundi.com.br/visitantes-brasileiros-no-exterior/>. Acesso em 01 out. 2022.

**Diário do Turismo**. Precisamos falar sobre discriminação e racismo no turismo brasileiro. 2020. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/precisamos-falar-sobre-discriminacao-ou-racismo-no-turismo-brasileiro/>. Acesso em 21 ago. 2022.

DIAS, Guilherme Soares. O ano do afroturismo no Brasil: novas empresas, novas viagens, fóruns e redes. 2020. Disponível em: <https://guianegro.com.br/o-ano-do-afroturismo-no-brasil-novas-empresas-novas-viagens-foruns-e-redes/>. Acesso em 29 jun. 2022.

DIAS, Guilherme Soares. Por que os negros viajam menos? 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/viajantes-negros-apostam-em-aplicativos-e-agencias-especializadas-para-fugir-do-racismo>. Acesso em 21 ago. 2022.

FARMER, Justin. MMGY Travel Intelligence Launches the 2019–2020 Portrait of American Travelers Study. 2019-2020. Disponível em <https://mmgyintel.com/mmgy-travel-intelligence-launches-the-2019-2020-portrait-of-american-travelers-study/>. Acesso em 29 jun. 2022.

FIORATTI, Gustavo. Justiça desapropria terreno onde está o cemitério dos Aflitos. **Folha de S. Paulo**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/justica-desapropria-terreno-onde-esta-o-cemiterio-dos-aflitos.shtml>. Acesso em 01 out. 2022.

GUIA DIASPORA.BLACK DE AFROTURISMO. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1fh5it9FAIZXH4EJ1A4JpKepZGdlWujDU/view>. Acesso em: 02 abr. 2022.

GUIA NEGRO. Afroturismo ou turismo étnico: o que é, onde ocorre e como praticá-lo? Disponível em: <https://guianegro.com.br/turismo-etnico-ou-afroturismo-o-que-e-onde-ocorre-e-como-pratica-lo-2/>. Acesso em: 02 abr. 2022.

GUIA NEGRO. Sem atores locais, Salvador lança plano milionário de valorização do afroturismo. 2022. Disponível em: <https://guianegro.com.br/salvador-vai-lancar-plano-de-valorizacao-do-afroturismo/>. Acesso em 21 ago. 2022.

Manifesto Guia Negro: por um turismo mais diverso. 2018. Disponível em: <https://guianegro.com.br/manifesto-guia-negro-por-um-turismo-mais-diverso/>. Acesso em 21 ago. 2022.

MEIRELLES, Renato. **Voz e a Vez – Diversidade no Mercado de Consumo e Empreendedorismo**. São Paulo: Instituto Locomotiva/Instituto Feira Preta, 2018. Disponível em <https://ilocomotiva.com.br/clipping/agencia-brasil-pesquisa-mostra-que-preocupacao-com-diversidade-gera-lucro-as-empresas/>. Acesso em 29 jun. 2022.

Momento Cidade #60: VOCÊ SABE O QUE É AFROTURISMO? Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/momento-cidade-60-voce-sabe-o-que-e-afroturismo/>. Acesso em: 02 abr. 2022.

New international study shows U.S. Black travelers are more influenced by concerns about safety and representation in marketing than European Black travelers. Disponível em: <https://www.mmgyglobal.com/news/new-international-study-shows-u-s-black-travelers-are-more-influenced-by-concerns-about-safety-and-representation-in-marketing-than-european-black-travelers/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de Oliveira. São Paulo: memórias e monumentos negros. In: DUARTE-FEITOZA, Paulo Henrique; SÁ, Rubens Pilegi da Silva (org.). **Arte e monumentos: entre o esquecimento e a memória**. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. E-book (273 p.). ISBN 978-85-495-0431-9. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20170>. Acesso em: 12 jan. 2022.

O QUE É AFROTURISMO - Afroturismo, O Movimento. Com Guilherme Dias e Tânia Neres. Disponível em: <<https://guianegro.com.br/o-que-e-afroturismo-ouca-o-podcast/>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

PESQUISA: O MERCADO DA MAIORIA - Periferia e Diversidade Como estratégia de Negócio. Disponível em: <<https://ilocomotiva.com.br/wp-content/uploads/2022/01/o-mercado-da-maioria.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

População negra movimenta R\$ 1,7 trilhão no Brasil. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/populacao-negra-movimenta-r-17-trilhao-no-brasil-revela-pesquisa-do-instituto-locomotiva/>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

**TurisData - UNIRIO.** Turismo e Relações Étnico-Raciais. 2021. Disponível em: <http://www.unirio.br/turisdata-rj-rj-rj/turismo-e-relacoes-etnicas-e-raciais>. Acesso em 21 ago. 2022.



## **APÊNDICE – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA EMPREENDEDORES DO AFROTURISMO.**

1. Qual a realidade do afroturismo no mercado Brasileiro?
2. O que é o afroturismo e quais são seus pontos diferenciais?
3. Como o afroturismo está inserido no mercado turismo?
4. Qual sua aplicação prática – no caso da sua empresa? (Destinos, Público Viajante, fornecedores).
5. Qual o impacto econômico para a população negra?
6. Quais são as projeções, tendências e desafios?
7. Como você acha que o afroturismo influencia na luta antirracista?
8. Qual a forma que você entende ser a melhor forma de engajar pessoas não negras nas práticas do afroturismo?
9. Existe apoio do poder público?
10. Como o tema está inserido nas relações étnico raciais?